

Ana

A chuva caía, miudinha, entre a cacimba e o chuvisco. Um céu escuro que se adivinhava cinzento não deixava sentir os primeiros raios da manhã. Havia um manto espesso de nuvens a empurrar o Sol para baixo, a impedi-lo de nascer. Era noite ainda, quando já devia ser dia.

O vento dava sinal da sua presença no interior da casa, pela obliquidade conferida às gotas de chuva que tombavam na luz dos candeeiros, lá fora. Talvez por medo de não ser notado, assobiava também, cantava-se nas frinchas das janelas velhas, de madeira carcomida por outros ventos, de outros tempos. A esse assobio sobrepôs-se um outro, estridente, aflitivo. A aflição de água demasiado quente, demasiado fervida, e por isso expansiva, apertada no pequeno volume de uma chaleira.

“Pai, olhe a água! Já está quente.”.

Uma mão firme, nodosa, experiente em agarrar, segurou pela pega negra a pequena chaleira e retirou-a do lume, deixando o silêncio e o protagonismo ao assobio melancólico do vento.

“Não devíamos sair, pai.”.

“Pois não. Tu devias ficar...”.

“Não vai começar, pois não? Já lhe disse que não o deixo ir sozinho. Quando digo que não devíamos sair, é porque o tempo não é o melhor.”.

“Quem dera poder dar-me ao luxo do tempo, mas não posso. O dinheiro não entra e sabes que facilmente sai...”.

“Pai, mas o dinheiro não é tudo! Há outras coisas que...”.

“Chega Ana!”, Interrompeu-a. “Ainda bem que te eduquei a saber que não é tudo, mas neste momento é muito. Precisamos dele, a tua avó precisa dele! Por isso, com tempo ou sem tempo, vou sair. Se és teimosa e queres vir, então despacha-te a comer isso. Estou no barco a preparar as coisas.”. Levantou-se com um arrastar brusco da cadeira e saiu a bater a porta.

Ana engoliu a seco o bocado de pão que tinha na boca e deitou o resto fora, numa fome resignada. Foi ao quarto dos pais, despedir-se da mãe, e depois ao da avó, limpar duas lágrimas que lhe caíram em silêncio, no limiar da porta. Saiu por fim para ir ter com o pai.

“Fernando, olha as horas! Não tinhas pedido a tarde?”.

Ele olhou para o relógio, era meio-dia e meia. Afastou a cadeira do computador, levantou-se e antes de vestir o casaco perguntou, hesitante, ao homem de óculos redondos

que se aprofundava no ecrã de outro computador, no outro lado da sala: *“Tem a certeza que não precisa de mim Sr. Pires?”*.

“Oh rapaz, noticiar o que já foi noticiado não dá muito trabalho. Vai lá namorar antes que mude de ideias. Aproveita pelos dois!”.

Fernando sorriu e agradeceu. Desceu as escadas que davam para a rua e, antes de sair, aprofundou-se na gola do casaco, para que o vento frio não lhe mordesse o pescoço. Não chovia, embora o céu continuasse cinzento e o chão molhado.

Trabalhava no jornal daquela cidade, ambos pequenos. Mudara-se para lá havia dois anos, depois de ter conhecido Ana. Apaixonaram-se ainda na faculdade: ele, estudante de Direito e ela, de Literatura. Embora tivesse feito tudo no tempo certo e com distinção, nunca chegara a exercer. O amor levava-o a deixar a casa dos pais para ir morar mais a Norte, junto do mar. Um lugar para ajudante no jornal da terra e a Ana pareceram-lhe motivos mais que suficientes para partir. Além disso, nunca gostara da advocacia. Embora tivesse amor às letras e às palavras, achava um desperdício gastá-las em tribunais. Confessava por vezes a Ana que um dos motivos porque se tinha apaixonado, era por ela ter tido a coragem de tirar um curso de que gostava e não um que a empregasse. Assim, com o coração a ser puxado por dois lados, mas numa só direção, fez as malas, despediu-se dos pais, da advocacia e abraçou Ana, a sua pequena terra e o seu pequeno jornal.

Desceu a avenida principal aprofundado no casaco, com o vento a forçar uma entrada. Desceu-a até ao rio, como sempre fazia quando ia ter com ela. Nunca na sua vida tinha sentido fascínio por água. Na cidade onde crescera, algures estendida numa planície alentejana, nem rio havia; água, só a das fontes ou copos à mesa. Mas desde que conhecera Ana, desde que a tivera como parte da sua vida, um paralelismo qualquer nasceu em si, entre aquela mulher e o solvente universal. O amor é assim, como se não bastasse estender-se a uma pessoa, ainda se pendura ao ombro de outras coisas que, sem sabermos como e sem o serem, acabam por ser, pelo menos para quem ama, extensões dessa pessoa- partes internas cá fora. É assim com os cheiros, com as cores, às vezes com as roupas ou lugares. Para Fernando era com a água, com o rio e o mar. E talvez com o vento ... Por via das dúvidas, desapertou a gola para que lhe mordesse finalmente o pescoço.

Desde o nascimento desse fascínio que gostava de fazer aquele caminho, junto ao rio. De deixar os olhos perderem-se nas águas azuis que todos os dias eram de cor diferente. Naquele, de um cinzento metálico- azuis, mas de um cinzento metálico, como o céu. Com as mãos nos bolsos e o pescoço gelado (afinal sim, também gostava de Ana no vento), seguia pela marginal que sabia levá-lo à doca onde tinham combinado encontrar-se.

Chegou e olhou para o relógio, era uma e um quarto. Estava atrasado, mas Ana também não estava ali à sua espera. Voltou para trás, atravessou a estrada e decidiu ir procurá-la em casa. O bairro dos pescadores era o mais bonito da cidade. Uma rua estreita e reta, de casas pequenas, todas de cores diferentes. Em dias de sol, com toalhas brancas, colchas, cuecas e meias em estendais sorridentes, à boca de janelas escancaradas. Em dias de chuva, com as vidraças molhadas das mesmas janelas, agora fechadas.

Fernando subia a rua e uma senhora descia-a, afundada nos chinelos, como se a gravidade dentro deles fosse a dobrar. Àquele tipo de chinelo, nem a chuva o fazia sair do pé. O xaile roxo pelos ombros, as rugas pela face e os óculos à frente de dois olhos meigos.

“Boa tarde, Dona Alzira! Sabe da Ana?”.

“Olá, filhinho! Que Ana?”.

“A do Castelo.”.

“Aah! Oh, cabeça a minha... A Aninhas, do Mário e da Jesus, claro. Desculpa Fernando, mas este tempo choco baralha-me as ideias.”. Ele não conseguiu evitar sorrir. *“Sei que aquele teimoso do Mário quis sair de manhã e tu já sabes como ela é, por certo foi com ele. Os Castelos são todos iguais, teimosos! Desgraçado, a levar a filha para o mar... Devias meter-lhe juízo naquela cabeça. Eu sei que a intenção dela é boa, coitadinha, tem bom coração. Mas o pai é que é casmurro! Só dinheiro, só dinheiro... Até entendo que queira cuidar da mãe, mas vale-lhe mais vivo que morto! E olha que tem brincado com a sorte! Qualquer dia dá-se um azar e... Ai Nossa Senhora, nem quero pensar.”.*

O sorriso desfez-se. *“Sabe se já chegaram?”.*

“Acho que sim. O meu filho há pouco veio da doca e disse-me que viu o barco do Castelo atracado, por isso já deve estar em casa. Vai lá ver!”.

“Vou, vou. Muito obrigado Dona Alzira! Tenha um bom dia.”.

“Adeus, filhinho, e vê se metes juízo naqueles cabeças-duras!”.

Ele seguiu rua acima, em direção à casa de Ana.

Ana do Lima Castelo era filha de pescadores, ambos vianeses. O pai, Mário Castelo, de barba negra, e a mãe, Maria Jesus do Lima, de olhos azuis, eram um casal desde o dia em que se conheceram- não um ao outro, mas a eles próprios. Tinham uma daquelas histórias que justificam os romances com que nos seduzem na infância, uma dessas candeias que alumia a esperança de que coisas assim sejam a regra e não a exceção. Conceberam Ana numa noite quente de Agosto, quando a paixão não resistiu aos brincos de ouro suspensos nas orelhas de Maria, nem ao pelo negro como barba, à espreita da camisa de linho que Mário vestia. Enquanto bombos e foguetes rebentavam lá fora, a vida implodiu lá dentro, dos dois (futuramente três). Dois anos depois, o fenómeno viria a repetir-se. Desta vez só com o pelo

negro no peito de Mário, já que a camisa se tinha sujado de vinho, e sem os brincos de Maria, que estava quase nua a preparar-se para dormir. Sem foguetes nem bombos mas com girândolas que chegue, foram eles quem fez a festa enquanto Ana dormia no regaço da avó paterna, umas quantas casas abaixo. Implodia vida novamente no seio daqueles dois, que já eram três e viriam a ser quatro, nove meses mais tarde, com Manuel (como o avô) do Lima Castelo, ou Manelinho.

A vida seguiu ligeira, como sempre faz quando nada a atrapalha. Maria Jesus tornou-se mãe a tempo inteiro. Alzira, mãe e avó, já que no avançar da idade aprendera a ludibriar o tempo para poder ser ambas. Mário foi pai, filho só no barco onde pescava com Manuel que, além de pai, passou a avô (Alzira ensinara-lhe o truque). A Ana e a Manelinho restou-lhes serem filhos e netos, o que lhes deu tempo de sobra para se tornarem outras coisas. Ana cresceu, estudou, apaixonou-se, trouxe Fernando. Manelinho cresceu também, não quis assim tanto estudar e fez-se neto no barco onde o pai era filho. Tomou-lhe o gosto, embarcou em navios, viajou por sítios distantes e apaixonou-se. Não trouxe ninguém, só saudade. Emigrou, ficou. Tudo tão rápido, tudo tão simples e sem sobressaltos. Mas como qualquer corrida, por mais ligeira que seja, se adensa sempre em fadiga ou tombo, também a daquelas vidas o faria. Como lhes disse a avó mais tarde: *“As pedras estão no caminho desde o princípio. Tropeçar é só uma questão de tempo...”*.

O avô Manuel morreria numa noite fria, sentado na sua cadeira favorita em frente da lareira. Alzira cosia um botão teimoso de uma camisa que já passara vezes sem conta pelas suas mãos, sempre por causa do mesmo botão. A madeira estalava indiferente, como sempre estalara. Estava tudo igual, tudo o mesmo, até que a vida se distraiu com algo ali ao lado, desviou o olhar e não viu a pedra fora do lugar. Tropeçou, caiu, esfolou o joelho- levou Manuel.

Os tempos que seguiram a sua morte foram de dura realidade. Anos que dantes passavam ligeiros, começaram a fazer-se pesar, um a um. Mário deixou de ter com quem pescar. Se o trabalho já era muito para ele e para o pai, só para uma pessoa era impossível. Manelinho não pôde voltar para ajudar, tinha amarras noutra porto, num outro mar. Maria Jesus continuou a ser mãe, mas também mulher de um homem que se sentia agora desamparado. Alzira dizia-se mãe e avó, nada mais; mas, por vezes, no frio da noite, quando já todos dormiam, era mulher ainda, e das saudosas que choram em silêncio. Só Ana não sabia o que era. Continuava filha, estava certa de ainda ser neta, começava a ser mulher, mas de alguma forma nada disso lhe bastava. Já não era como dantes. A vida levava o joelho esfolado e todos o conseguiam ver, especialmente ela.

Soube o lugar a ocupar quando a segunda pedra resvalou por baixo dos pés apressados da vida. Primeiro começou com um simples esquecimento de agulhas, ou de arroz ao lume. Mais tarde, um trocar de nomes, um constante *“Está-me mesmo aqui, debaixo da língua.”*. Mas agravou-se, continuou com o esquecimento da própria pessoa, da identidade. Alzira, avó de Ana, começou a sofrer daquilo que os médicos apelidaram como Alzheimer. Quando a confrontaram com a situação, com o nome pomposo, tudo o que ela fez foi sorrir e dizer: *“Não venham para cá com conversa de médico. Isto veio lá de cima, para que não me custem tanto as saudades do meu Manel.”*.

Naquela casa não havia gente estúpida, nem ignorante. Toda a família sabia o que ia acontecer, até a própria Alzira que nem assim deixava de sorrir. Foi então que Mário decidiu lançar-se na louca demanda de amealhar o mais que pudesse, de sustentar e proteger a mãe: *“Nem que tenha de ir eu e a traineira sozinhos para mares de tempestade!”*. Maria Jesus tentou demovê-lo, disse-lhe para vender o barco e aceitar os convites que tinha recebido para trabalhar com outros pescadores amigos. Mas um misto de orgulho masculino e saudade filial faziam-no bater com o pé no chão e gritar: *“Nem pensar! Nunca!”*. Era a teimosia de Castelo... Quando Ana se apercebeu que o pai falava a sério ao dizer que, se fosse preciso, iria sozinho, soube bem o que tinha de ser, ou melhor, quem. Fez-se Manuel, tanto seu avô como seu irmão. Fez-se o segundo homem de que Mário precisava. Todos lhe gritaram que nem pensar, não senhora, estava fora de questão, mas a teimosia de Castelo levou-lhe o pé ao chão e a força à voz: *“O meu pai sozinho? Nem pensar! Nunca!”*.

Era da casa de uma Ana assim- filha de um Castelo e teimosa como eles; determinada para, mais do que à avó, ajudar o pai- a porta a que Fernando chegava. Não precisou de bater. Ainda o punho não estava fechado para ser ouvido na madeira e já alguém saía. Era ela. O cabelo solto pelos ombros, a camisola de lã grossa para um frio abaixo do dos ossos e os olhos azuis- naquele dia cinzentos, como o rio- não deixavam dúvidas.

“Desculpa.”, disse-lhe antes de qualquer coisa.

Ele limitou-se a sorrir, puxou-a para si e abraçou-a. Beijou-lhe a testa num beijo salgado, temperado a pitadas de mar, e com o aroma a maresia que, sem saber como, lhe ficava sempre agarrado aos cabelos. As mãos dela subiram-lhe ao pescoço, frias, geladas, nunca as sentira de outra forma, e os lábios dos dois encontraram-se, num beijo sem sabor desta vez, quente apenas, que isso do paladar diz respeito ao físico e ali quem se beijava era outra coisa.

“Encontrei a tua avó quando estava a vir para aqui.”, disse Fernando sem conseguir esconder um pequeno sorriso.

“Ela saiu mesmo há bocadinho... Mas porque te ris?”.

“Quando lhe perguntei por ti, respondeu-me como se não fosses sua neta.”.

“Está cada vez pior.”, e Ana sorriu também, mas triste. Fez um esforço, afundou o sorriso num alegre e perguntou-lhe: *“Então, o que me traz hoje o meu poeta?”.*

“O teu poeta?!”.

“Sim, ou acha bem vir fazer a corte a tão delicada donzela de mãos a abanar?”.

As mãos desceram do pescoço ao bolso direito de trás das calças de Fernando. Sentiram a secura de um papel dobrado, escondido, e o mesmo calor daquele segundo beijo em algo que nele se escondia. Ana sorriu, tirou-lho do bolso, afastou-se e leu-o baixinho:

*“O vento vem de Sul, vem de Norte,
Vem de onde lhe apetece.
Por vezes gélido, de morte,
Outras tão meigo que aquece.
Varia de humor, de pessoa,
Muda quem é sem o deixar de ser.
E o que parece uma existência à toa,
Revela-se a forma certa de o fazer.
Ser-se um todo e existir em tudo,
Para no final acabarmos sempre nós.
Saber que mesmo se ficasse mudo,
Saberia onde encontrar a sua voz.
O vento é assim,
Diferente a nunca sê-lo,
E por isso o deixo dançar em mim,
Afagar-me a barba e o cabelo.*

O vento és tu.”.

Um rubor pintou-lhe as maçãs do rosto e a boca perdeu-se num sorriso que não o queria ser. Uma espécie de expressão para algo que não sabia ser exprimido e que por isso a fazia corar, a fazia feliz.

“Obrigada, meu amor.”, disse-lhe no meio da atrapalhão.

Tinham aquele hábito. Todas as semanas, quando combinavam encontrar-se, Fernando levava-lhe um poema escondido no bolso das calças. O amor que tinha às palavras não se contentava com a linguagem formal e corrida de um jornal, como não se tinha contentado com o latim e argumentação dos tribunais. Queria-se sempre mais: com menos forma e mais conteúdo, menos estrito e mais assertivo. Queria-se gasoso, etéreo, sublimado

em tudo o que ele sentia e não sabia expressar- poético, era o termo com que o descrevia a Ana. E à semelhança desse, o que sentia por ela não ficava satisfeito com o abandono do Alentejo, o abraço ao vento e ao mar, o adeus à profissão e aos pais. Precisava de mais... Dois amores que não sabiam aspirar se não a mais, e que por isso davam as mãos naquele ritual: um *“Amo-te.”* tanto às palavras, quanto a Ana.

A tarde passou e o manto cinza do céu dissolveu-se, com o Sol a espreitar entre remendos de azul. Fernando e Ana perderam-se num daqueles deambulares de apaixonados, que nunca vão a nenhum lado, que vão apenas- juntos. Nenhum dos dois se atreveu a tocar no assunto do atraso de Ana. O *“Desculpa.”* com que o rematou foi suficiente. Era uma discussão que não tinha fim possível, uma charada sem solução. Ana sabia que Fernando não gostava que ela fosse, mas também que nunca seria capaz de não ir. E ele sabia que não lho podia pedir. Por mais que se tentasse zangar ou parecer chateado, inevitavelmente acabaria sempre a esperá-la, atrasada ou não. Seguirá-a uma vez, rumo a Norte e ao mar, e a partir daí, soube que a seguiria sempre, por muito que lhe custasse.

Cansados, sentaram-se junto do rio, num banco vermelho mordido por geadas e neveiros. Já quase não havia sinais de ter chovido. Só algumas poças casuais, escondidas na sombra e relutantes em desaparecerem. As águas seguiam cinzentas, mas de um cinza que já não era o do céu, azul, agora que do manto espesso que o cobrira não restavam mais que alguns farrapos. Aquele cinzento era outro.

“Alguma vez te contei a lenda deste rio?”, perguntou Ana a Fernando.

“Não.”.

“Já não me lembro muito bem. Era a minha avó quem ma contava em pequena. Segundo ela, quando os romanos aqui chegaram nas suas invasões, ficaram encantados com a beleza do rio. Tinham uma lenda na sua terra sobre um outro igualmente bonito, chamado Lethes: o rio do esquecimento. Quem nele mergulhasse esqueceria a terra, a família e a própria identidade. Ao verem este rio e ao lembrarem as descrições da lenda, juraram ser o mesmo e recusaram-se a atravessá-lo, o que lhes impedia de continuar a invasão. Então, o general responsável pelas tropas atravessou-o para provar que não era o mesmo rio e, do outro lado da margem, gritou o nome dos soldados, um por um... Assim perderam o medo e atravessaram-no. Era alguma coisa como isto...”.

“Lethes era um nome bem mais bonito que Lima.”, disse Fernando a sorrir.

“E a história era bem mais bonita se o general tivesse esquecido quem era.”, concordou Ana. *“No início da doença, a minha avó dizia-me a brincar que não devíamos ter dado tantos mergulhos no rio, que a lenda afinal era verdade e por isso estava assim.”*.

Fernando abraçou-a com mais força e correspondeu ao sorriso triste com que tinha dito aquilo, com um outro, de consolo.

“Sabes uma coisa que me faz confusão nessa lenda dos romanos?”, perguntou-lhe.

“O quê?”.

“Se de facto existisse um rio Lethes, onde desaguava?”.

“Como assim?”.

“Em que desagua o esquecimento?”.

Ana calou-se. Olhou as águas que já eram azuis como o céu, com o cinzento dos seus olhos, que já não era o do rio, e respondeu: *“Em saudade. Tenho saudades da minha avó...”*.

Uma lágrima escorreu-lhe pela face. Fernando colheu-a num beijo salgado, temperado a pitadas de outro mar, com outro sal.

Os tempos passaram, ou a vida seguiu. Uma qualquer expressão dessas com que sempre fazemos as histórias avançar, como se na fibra que as compõe só entrassem tombo e vitórias, nunca quotidianos. Maria Jesus manteve-se mãe, mulher. Mário continuou pai e filho, ambos teimosos. Alzira ia sendo cada vez menos: mulher, avó, mãe; às vezes ela própria. Ana deixou-se como filha e neta, mas não admitiu mais discussões quanto a ser irmão ou avô. E Fernando continuou Fernando: um advogado que não o foi para virar jornalista que queria ser poeta, e que não o era para continuar o homem que sempre se quis, o de Ana. Tudo se alinhava, tudo se mantinha. Mas mais uma vez a voz de Alzira haveria de ecoar, mesmo sem a sua memória para lhe reclamar a autoria. Afinal, as pedras sempre estiveram no caminho.

O dia amanhecia quando já o devia ter feito há muito. O vento soprava forte, picava o mar. As ondas faziam jogos de força para se medirem contra o casco do barco. O céu era cinzento, quase negro e a chuva desprendia-se dele, infinita. Aquele dia seria diferente. Pela primeira vez, no peito de Mário, para lá da teimosia, nasceu o arrependimento. Não deviam ter saído. O pequeno-almoço tinha sido em silêncio e as despedidas sem lágrimas, mas não deviam ter saído. Uma onda, talvez velha demais para jogos, não quis brincar e impôs-se. O barco cambaleou. Uma segunda, gémea da outra, seguiu-lhe o exemplo. O barco encheu-se de água. Uma terceira, invejosa, descontente, quis-se mais. O barco virou.

Fernando arrastou a cadeira, fez a pergunta que sempre fazia e obteve a mesma resposta: *“Vai lá rapaz. Aproveita pelos dois!”*. Vestiu o casaco, saiu para a rua. Desceu a avenida afundado na gola, até ao rio. Perdeu os olhos na cor das águas, abriu a gola, deixou o vento gelar-lhe o pescoço. Chegou à doca, ninguém o esperava. Olhou para o relógio, viu o atraso e voltou para trás. Atravessou a estrada, entrou na rua reta de casas coloridas, não se cruzou com ninguém. Chegou à porta e antes de bater ninguém saiu. O punho fechou-se, fez-

se ouvir na madeira uma vez. Duas vezes. Três vezes. Ninguém. Fernando desceu a rua, voltou à doca. Embrenhou-se nas ruelas de barracões, seguiu o rio até ver o mar e antes dele, um outro, de gente. Entre vultos, Maria Jesus chorava, agarrada a Alzira. Essa de chinelos, com o xaile roxo nos ombros, as rugas pela face e os óculos a tapar os olhos meigos. Sorria, triste mas sorria. Alguém mais arrogante diria que o sorriso era da doença, que não tinha já noção das coisas, mas Alzira sabia ser outra coisa. Sabia como sempre soube. Já não era só um joelho esfolado, nem uma cabeça esquecida que a vida levava.

Fernando não precisou que lhe explicassem. Limitou-se a aproximar-se daquele mar de vultos e a abraçar as únicas duas pessoas que lá estavam. Maria chorava-lhe no peito, Alzira apertava-lhe com força a mão e ele não sabia o que fazer, não sabia o que expressar. O dia passou-se, a chuva parou e a noite quase que entrava quando se viram, ao longe, as luzes da equipa de resgate que tinha saído em socorro dos Castelos. Antes da desgraça, Mário comunicara pelo rádio o seu arrependimento, reduzira a sua teimosia à humildade de um pedido de ajuda. Conforme as embarcações atracaram, o mar de vultos dirigiu-se a elas e abriu espaço para que as únicas três pessoas se aproximassem. De um dos barcos descia outro vulto, envolto em mantas, com uma barba negra como pelos do peito. Maria Jesus reconheceu o negro e ao correr-lhe para os braços, do vulto fez pessoa. Era Mário que voltava, que vinha para continuarem a ser o casal que eram desde o dia em que se conheciam. Todos esperaram o segundo vulto, o segundo milagre de transformar ignotos em pessoas. Havia mantas para o cobrir, braços para o receber, havia tudo para a situação se repetir. Tudo, menos o vulto. Ana não voltara. No meio das ondas e do cinzento do dia, não a conseguiram encontrar. Maria Jesus chorou com mais força, Alzira perdeu-se na sua triste felicidade e Mário calado, ensimesmado, com o preto da barba nos olhos.

Fernando esquivou-se na confusão, fugiu aos olhos que o haviam de procurar mais tarde. Acelerou o passo, voltou à doca. Fez o caminho que sempre fazia, mas ao contrário. Junto ao rio abriu a gola, mas o vento não o gelou. Furioso abriu o casaco por inteiro e o vento continuou a não ser frio. Era ele quem gelava o mundo desta vez, não o contrário. Desesperado olhou para as águas, para o rio. Não eram azuis nem cinzentas. Não eram de nenhuma cor e ele sabia que aquilo não acontecia por ser noite, por ser escuro e o rio não passar de um borrão preto. Não, porque mesmo aquele preto, preto não era. Apressou-se, correu até ao banco vermelho que vermelho já não era, onde há dias tinha estado sentado com Ana. Sem o frio no pescoço, sem a cor na água do rio e com algo no peito que não sabia expressar, chorou, deixou que lágrimas cinzentas lhe escorressem pela cara. Mas ninguém as amparou, ninguém as colheu em beijos salgados. Sentou-se, desesperou, viu o borrão negro correr diante de si. Rendeu-se.

Demoraram alguns dias até se aperceberem do desaparecimento de Fernando. As buscas pelo corpo de Ana e a dor de, mesmo que encontrado, já não passar disso, um corpo, contagiaram toda a gente com uma espécie de febre, de loucura ou teimosia. Só mais tarde, quando o frio da saudade e da tristeza amainou o calor da perda, alguém associou as roupas abandonadas num banco velho junto do rio, a um corpo, a um dono. Tinha carteira, documentos, identificação, mas o que lhes deu a certeza de ser Fernando, aquele Fernando, foi a secura de um papel amarrotado, guardado no bolso direito de trás das calças, e o calor de algo que nele se guardava:

*“O rio nasce para lá de mim,
Lá longe, onde não o consigo ver.
Desconheço-lhe o princípio ou o fim,
Sei apenas que passa aqui a correr...
Se lhe perguntar, ele não me responde.
Não me diz quem é, nem por que vem.
Não me diz o como, não me diz o onde
E ai de mim se tentar o quem!
O rio só a si diz respeito,
Seguindo livre, selvagem...
E é por isso que me deleito,
Ao vê-lo, calado, da margem.*

*Então e tu?
Tu que és como o rio-
De si, de mais ninguém...
Para onde vais?
Por que corres e a quem?
Tu. Tu que és como o vento,
Que és tanto só dentro de ti...
Porque não hesitaste um momento
E ficaste por aqui?*

*Para que, no meu esquecimento, recordem a minha saudade.
Fernando.”*

E dessa vez, não foi a vida que seguiu. Foram as águas.